

## ESBOÇO ILUSÓRIO

Floriano Martins

1.

Como pequenos desastres migrando de árvores  
ou desertos fingindo a infância que não tiveram,  
expandimos a catástrofe de teus gemidos.  
Em tuas axilas um displicente alfabeto de algas,  
rumores de pássaros despedaçados com o canto  
preservado no penhasco com que me escutas.  
Vértebras da loucura, silêncios ventríloquos,  
nos alimentamos do capinzal que cresce  
entre um vislumbre e outro, pincel de nuvens.  
Já ninguém se atreve a indagar o próprio nome.  
Se a chave está perdida, desfeito o poema,  
que nome dar ao ramo de lágrimas que visita  
de porta em porta o vilarejo de teu abandono?  
Parte do que somos somente nos recorda  
se um acidente lhe importa: entrada redecorada  
por cupins ou sátira do acaso a reinscrever  
o homem em seu trajeto. Parte do que somos  
somente o desgaste reaviva: proeza concreta  
de carcomidos ciclos da humanidade encravada  
em nós. Nós da memória, rasgos, erosões da alma:  
longa jornada da decomposição, até que  
reescreva seu nome destinado a apodrecer.

2.

Teus beijos ensaiam uma alegoria em meu dorso.  
Eu os sinto como uma selva dançando, pétalas  
flamejantes, constelação de árvores em plena  
colheita a sussurrar: todo homem é uma recriação.

Apontas uma cidade longe em minha vertigem.  
Vendaval de migalhas, ilhas cegas, velhos  
mapas que não contavam com teu desamparo.  
O amor gira sempre em torno de si mesmo.

Passa por aqui a galope o teu sexo emocionado,  
tua piedade de Deus bicada de remorsos.  
Um castelo agitado repleto de males menores  
e o vestido de baile de tua primeira ilusão.

Passam máscaras como um pranto de roedores  
e luzes afogadas em poços da mais meiga solidão.  
Um único personagem em ti se atreve a falar  
e me acusa de jamais haver saído do poema.

Aqui estou eu desfeito em verso, mal recriado,  
e sem saber como evitar voltar a ser o que sou.

3.

Tua ausência me enfeitiça e renasces  
como uma fraude por repetidas noites.  
Pressinto a espreita dos gemidos pegajosos:  
teus lábios sempre no limite. Nada em mim  
jamais estive a salvo de tua voragem.  
Quando me encontraste eu estava louco.  
Recolhia pequenos pássaros congelados  
e mascava seus vôos em rituais de pranto.  
Tu me deste a efígie negra de teu ser,  
como um último recurso e livre rota celeste  
por entre deuses, desertos, misérias, nomes.  
Moí o vazio à procura de como empregá-la,  
a imagem lutuosa de teu afastamento.  
Percorri os círculos brancos da memória,  
com suas bestas cochichando ardilezas,  
até que não houvesse mais noites em mim  
sem a tua nudez invisível: falso terror  
com que me golpeias o vôo cristalizado  
dentro dos pássaros que se foram comigo.

4.

Quando me beijas assim me desfaço,  
abordo tuas imagens vorazes  
e digo a elas que não há mais espelho,  
que tratem de ser apenas o que são:  
alfabeto sem limites, porém único,  
em naves de fogo velejando meu dorso.  
Quando me pões enfim em teu curso,  
não sobro para mais nada em mim.  
Teus sussurros me alargam,  
sem outra perspectiva que o abismo.  
Estou enlouquecendo de ti, sabes.  
Não te aproveitas, porém me beijas  
até os destroços, portas do abandono,  
pálpebras relvosas de meu gozo:  
entalhas um naufrágio em minha nuca.  
Deixo-me de tal modo mascada por ti,  
a noite confirmada com proveito:  
um leito maior, para que não cesses.  
Ponho-me assim, quando me chamas  
de teu infinito legítimo: em lágrimas.  
Contigo meus mamilos aprenderam a voar.

5.

Não faço idéia se é noite, vertigem ou silêncio.  
Sopra um vazío contínuo, sem que o identifique.  
Persiste a catástrofe da memória, a recordar  
coisas que nunca vivi. A desossar-me.  
Urro selvático do extravio. Perdemos tudo.  
Tão sós que sequer percebemos o abandono.  
A flor-obsessão se foi desmembrando, gerando  
novos conflitos: pequenos e grandes pomares.  
Eu te amei até onde pude estar apenas contigo.

6.

Simulas tua queda dentro de mim, com seu orgasmo de tintas e livros gastos, escombros de vértebras e chaves cegas. Preparas um último verso em meu desmaio. Há muito não sonho com teus fantasmas azuis e, no entanto, em palavras mesquinhas teu enxame de cadáveres se apropria da miséria de meus dias. Já não sei como lidar com a eloquência de teus espelhos. Até onde esgotar o sangue dissimulado com que regas teus campos. Descarrilas em tuas pernas todo o ritmo de quimeras que rege a existência. Moscas regurgitam o útero aceso de tuas máquinas. Ciclos vorazes da soberba. Lábios metálicos consumindo frascos de metáforas anômalas. O mundo aos teus pés, as pás do silêncio, o pó das surpresas. Há muito não há mais cura ou motivo para estar aqui. Teimamos porque a noite não se vai, porque persiste um labirinto profundo e delicioso ou simplesmente porque não sabemos como apagar esta lâmpada aflita do desespero. O mundo não obedece a mais ordem alguma e quando um de nós toca seu fundo já não há mais princípio ou fim, nada que reconheça o mito da ressurreição. Tuas lágrimas são fulgores vãos. A indignação uma paisagem transtornada e exposta a um reflexo risível de sua comiseração. Antes que fôssemos estas ruínas azuis eu tanto sonhei contigo ao ponto de me confundir com tuas sobras. Caminhamos pelas cidades, rimos de tudo, nos sentimos alheios à indigência humana. Nada é conosco e até nos orgulhamos de nossa descendência suicida. Por que ainda insistes nisto? Eu nunca estive aqui.

7.

Eu cubro o teu nome com os cílios da noite.  
Teu desamparo mal distingue em meus dedos  
as tintas com que trafego por sua vegetação.  
Estás sempre nua como uma metafísica insone.  
Eu misturo as sílabas flutuantes do desejo  
e rabisco em tua pele uma senha esponjosa.  
Teus suspiros badalam em ardilosa catedral,  
com sua areia-gulosa e as jóias do abismo.  
Não concluis uma frase sem a reticência  
luminosa de teus seios boiando no tempo,  
tear de safiras da luxúria, paiol de miragens,  
partes minúsculas do perigo que se põe a rir  
sempre que o vemos como um cofre, um fim.  
O sol configura suas telas com o traje mecânico  
do esquecimento, penhasco de vícios: não dar  
por conta de um único anseio no dia seguinte.  
O mundo se despedaça rindo. Acumulo suas  
vítimas na ribeira. Pernas trêmulas da melancolia.  
Manjar contaminado da esperança. E ainda  
assim ali estás, baile sem rosto e infindo,  
tua nudez entrevista em seu duplo sentido.  
Eu abro o teu nome para decifrar seus vidros.

8.

Fotografas a tempestade restada nos vincos dos corpos delirantes que devotamos ao tempo. Em cada um deles se adivinha o elemento que comporá o seguinte. Eu te amo aqui mesmo. Tu nunca sabes onde me amas. Nem me matas, nem me curas. O amor escala desertos suspensos no laborioso desejo com que desenho teu inferno. Sabes a dor de meu nome, porém não sentes dor. Já não sei como te amar ou te fazer sofrer. No entanto, invades meu ser a qualquer hora, rebentas meu corpo nos rochedos do orgasmo e, quando na minha a tua boca derrama seu vinho, transcreves uma cartografia que não aprendo nunca. Cegas minha alma. O mundo ficou sem resposta. Já não somos tão visíveis, nem certos de que passamos por aqui, pelos terraços carcomidos do delírio. Respiramos graças às imagens que se sucedem, sentenciosas em seus recados, quase carne de tudo quanto desejávamos tocar. Deuses cínicos, vozes fiadas no olhar, semelhantes ao relâmpago. Zumbido de anjos em ardiloso artesanato, escola de quedas, o que mais? Tornamo-nos os demoníacos, de um céu a outro, os servos do espelho. Já não somos venturosos. Há nomes que lacram a aventura de nossas mãos, sombras perfeitas de tudo o que não tocamos. Meus olhos descrevem o que vês através de mim. Tua morada perdida quando te ausentas ou partes de um sítio para outro. Não me reconheces nunca, pois jamais estou ao alcance de teu desejo. Imagens derivam em tua memória. Se há como confundi-las é que já não estás onde deverias. O nome é o mesmo, o rosto - certos vícios perduram -, porém algo de ti não se encontra mais em casa. Como ausentar-me do que fui um dia? A história embriaga o passado e desmente o futuro. O relato de meus olhos descrito por ti. Como convencer a tanta gente que não houve crime? A cena toda manchada de culpa, um corpo ausente em nossas noites de vinho, fotos arquejantes reiterando que me amavas. Para onde fomos?

9.

Eu fui te buscar do outro lado do espanto, do rio, da cabeceira fulgurante do desejo. Eu fui, pelas escarpas de teus trópicos, cursando o desastre de sombras deslizadas, seus despojos de artérias ainda refulgentes. Onde estavas não estavas e estavas e estou, na vastidão de teu corpo desemboco os reflexos devoradores de tudo quanto, soluços, fulgores, risos, os sóis que se desprendem, onde respiras, tua flor de ossos, labirinto, escarpas. Já não sabes por onde me despertar, anotas sonhos na carne, meu nome cruza teus limites aturdidos, suplicantes, marcas meu corpo como se fôssemos aves nostálgicas em busca de um solstício perdido, alguma ilha, alguém.

Eu fui te buscar na outra margem do delírio, e ressoava o cansaço o veneno de sua lírica. Eu fui, por curvas ferozes e lábios escritos, infringir a lei do visível, violar-te sem nada, reescrever a ausência, espectro carcomido do tangível, dizer-te em secreto aposento que não estou sem que estejas e estamos. Requebro de vozes dentro de mim, o rio, metáfora sinuosa planejada por teus pés. O anúncio queimante da metade da ilha, eu te amo, *eu te amo*, a noite se repete até que sorvas o enigma, o leite do nome, o diamante do pacto, e encontres em ti outra metafísica que a dor simplesmente.

Eu fui te buscar do outro lado da busca, do rio, e já não tinhas substância ou rito. Tuas luzes me esgotaram os pássaros, vôo de sílabas, letras como árvores oblíquas, reescrever-te, sempre, sem descanso algum. O teu silêncio extremo onde está estaremos, sem um fósforo que o garanta, zelo ou ironia, apenas ali, quem não se sabe e sabe, onde nunca ou nada, até que o mar se cale. Eu fui te buscar e estou do outro lado do rio.

**Floriano Martins** (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, ensaísta e tradutor. Dentre seus livros de poesia mais recentes, encontram-se *Tres estudios para un amor loco* (México, 2006), *Duas mentiras* (São Paulo, 2008), *Teatro Imposible* (Venezuela, 2008), e *A alma desfeita em corpo* (Lisboa, 2009). Foi curador da 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008) – função que voltará a desempenhar em 2010, e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009). Juntamente com Claudio Willer, dirige a revista *Agulha* ([www.revista.agulha.nom.br](http://www.revista.agulha.nom.br)) - Prêmio Antonio Bento (difusão das artes visuais na mídia) da ABCA/2007. Contato: [floriano.agulha@gmail.com](mailto:floriano.agulha@gmail.com).